

## Mulher: mar de combustão e magnetismo na poesia de Idea Vilariño

Profa. Ms. Lucie Josephe de Lannoy<sup>1</sup> (UnB)

### Resumo:

*Este trabalho visa divulgar a obra da poeta uruguaia Idea Vilariño (1920-2009) e contribuir para ampliar o gosto por sua poesia. Além de poeta, crítica literária, tradutora e compositora, também foi professora de literatura da Universidad de la República, Uruguai. Idea é conhecida pelas suas traduções de Shakespeare, foi várias vezes premiada e teve sua obra traduzida para o inglês, o russo, o italiano, o alemão, o português. Aqui serão analisados dois poemas inspirados no mar (“Por allá estará el mar/ Além estará o mar”; e “Tan arduamente el mar.../ Tão difícilmente o mar..”), com o objetivo de elaborar um diálogo entre eles e sobre temas como o amor, o erotismo, o outro, o silêncio.*

*Palavras-chave: poesia, mulher, crítica, linguagem, diálogo*

### Introdução

Idea Vilariño nasce em Montevideo em 1920 e morre na sua cidade natal em 2009. Ela pertence ao grupo de escritores denominado, no Uruguai, de “Generación del 45”, um grupo de poetas do qual ela seria, praticamente, a única mulher em meio a tantos escritores, como Juan Carlos Onetti, Mario Benedetti, Manuel Claps, Sarandy Cabrera, Rodríguez Monegal, Angel Rama, entre outros. Foi amiga dos poetas espanhóis Pedro Salinas e Juan Ramón Jiménez.

Em sua escrita, Idea utiliza palavras comuns, ideias claras e diz muito com muito pouco. Relata, por exemplo, nos seus poemas, a mulher que levanta à noite, que está preocupada, que ama, que acende um cigarro e fica fumando sozinha e pensando nos afetos e o quanto tudo isso cansa. Embora nesta época esteja em moda a alegria, sua poesia, no entanto, aproxima-nos da melancolia, da angústia, mas o faz de um modo que consola, anima. Apesar de triste, sabe celebrar e desfrutar do mar, como figura densa de conteúdo. Na sua discrição, beleza e mistério refletidos na escrita, convoca a viver intensamente.

A questão da linguagem, por ser inovadora, também é motivo de atenção neste trabalho. Como diz o final de um dos seus poemas: “vai crescendo sereno desde o fundo,/ sabiamente crescendo,/ lentamente, profundamente, largamente,/ pausadamente/ mar,/ difícil, cansado mar,/ pai do meu silêncio”. Para nós, mulheres à procura de espaços de expressão e de transformação e luta, a poesia de Idea Vilariño desperta para uma visão em que as simples coisas de todos os dias podem estar impregnadas de sonhos e revelar muitos de nossos segredos. O escritor Onetti lhe dedicou a obra “Os adeuses” e ela lhe dedicou a obra “Não”. A maneira de estabelecer um diálogo é fascinante. É instigante também verificar que alguém que se descreve cansado porque a vida é dura, difícil, e não o satisfaz, sabe da força como gênero ao descrever a vida de um modo exemplar.

Num primeiro momento da sua obra, há traços do neoromantismo e do modernismo, mas, a seguir, a sua poesia será sempre mais singular ao falar da condição

feminina, da vida, do amor. Como diz Luis Gregorich, na introdução ao livro *Poesia completa*, os poemas são cartas, orações ou imprecações ao amante que não se podem esquecer. Como veremos a seguir, os traços da sua escrita remetem a uma antiga tradição da poesia espanhola, desde a época de Jorge Manrique (1400), *Coplas a la muerte de mi padre*, de dizer muito com pouco.

Outra tradição que se reflete em sua obra são os temas de amor e morte, tratados, porém, de um modo particular. O tom triste, e por vezes profético, lembra os poemas de Pablo Neruda e de César Vallejo. Se García Lorca dizia que queria escrever uma poesia de *abrir-se las venas*, ao ler estes poemas, também reconhecemos a continuidade dessa tradição, na trágica desvalorização da mulher e/ou na sua capacidade de fazer dialogar a morte com o amor.

A seguir, são apresentados os poemas que falam do mar. Esse tema também é um clássico da poesia e aqui podemos dizer que, em geral, adota uma versão antropomorfizada. Tradicionalmente, o mar é um símbolo de abismo e de caos, como se pode perceber no poema.

## 2 Por allá estará el mar

*Por allá estará el mar  
el que voy a comprarme  
que veré para siempre  
que aullará llamará  
extenderá las manos  
se hará el manso  
el hermoso  
el triste  
el olvidado  
el azul  
el profundo  
el eterno  
el eterno  
mientras los días se vayan  
la vida se me canse  
el cuerpo se me acabe  
las manos se me sequen  
el amor se me olvide  
frente a su luz  
su amor  
su belleza  
su canto.*

Nesse primeiro poema, o mar é como o quinhão de desejos projetados nele pelo eu lírico, quem voluntariosamente, o adquirirá (*voy a comprarme*). Há um preço a pagar pela relação com o outro, com esse outro com o qual o eu se envolve até a possibilidade de uma simbiose.

Ao se pensar no mar como uma coisa viva, nos remete ao movimento de ir e vir, metáfora do dar e receber que define uma relação amorosa, uma possibilidade de

diálogo. No entanto, um sentimento solitário se perfila nos verbos em primeira pessoa e pela descrição de como a entrega da amante irá dando-lhe consciência de que a sua própria vida, no decorrer do tempo, irá definhando; coisa que não parece ser possível de acontecer com o mar. Mas se ela estiver frente a ele parece que essas perdas se ressignificam.

O mar é, sobretudo, uma pessoa, um outro em relação ao qual há um desejo de fusão e uma consciência da impossibilidade da mesma. O mar é capaz de dar-lhe uma mão, tornar-se manso, formoso, triste, esquecido, azul, profundo, eterno.

Ao repetir duas vezes a palavra *eterno*, encontramos uma duplicidade que bem pode fazer pensar em que seja um adjetivo que corresponda a duas pessoas distintas. Afinal, como diz Martin Buber, o ser humano se torna eu pela relação com o você. À medida que me torno eu, digo você. Todo viver real é encontro<sup>1</sup>. E o poema nos comunica a consciência de uma realidade, como diz Angel Rama, falando da geração de poetas de Idea Vilariño:

tal conciencia corresponde a una óptica para ver la realidad pero no tiene ninguna vinculación forzosa con estilos literarios (realismo) ni con filosofías (marxismo) (...). En sus manifestaciones primeras la conciencia crítica es simplemente una insatisfacción ante lo que ofrece la vida y mundo a un joven, cuando no una retracción hacia la vida interior que vale por un implícito juicio del contorno<sup>2</sup>.

Então, o fato de dizer duas vezes *eterno* é como se se tratasse de sugerir uma espécie de espelho. E também um jogo, ao estar ligados ao verbo *fazer* no sentido de se fazer passar por, “se hará el eterno”. Jogo de amor, dos envolvidos na relação, cuja paixão os torna eternidade um para o outro, enquanto durar o estar juntos, como diz o poema de Vinicius de Moraes: “que seja eterno enquanto dure”.

A vida é vista como luta. É preciso fazer tanto esforço para se comprar o mar, que quando finalmente o terá adquirido ela já estará como que murcha. Por um lado, aprende-se a amar. É o que lhe dá a consciência da luz, do amor, da beleza em face ao ser amado. Isso a faz cantar como quem deixa ouvir o canto do outro, desse mar.

Porém, ao mesmo tempo em que há um *eu* sendo ativo, ao comprar, ao adquirir algo, é como alheio a isto, é passivo também. Como se a vida passasse por ele, *la vida se me canse, el cuerpo se me acabe, las manos se me sequen, el amor se me olvide*. Todo o seu desejo vital projeta-se no mar, na sua procura de se achar no outro. O mar que é também um abismo, um caos, mas cujo canto conclui o poema. E isto nos mostra o próprio sentido da sua entrega.

No próximo poema a metáfora do mar remete mais propriamente a uma identificação com o próprio sofrimento do poeta. O uso do verbo no gerúndio acentua a prolongação desse sentimento, esse pesar que não deixa o eu lírico e que acaba constituindo o próprio efeito do fechar-se sobre si até ser ele mesmo, talvez, a causa do silêncio (*padre de mi silencio*). Às vezes, a dor não é possível de se dizer. Como diz Santiago Kovadloff<sup>3</sup>,

---

1 BUBER, Martin. *Eu-Tu*. São Paulo, Ed. Unicamp, 1977.

2 RAMA, Ángel. *La generación crítica: 1939-1969. I Panoramas*, Editorial Arca, Montevideo, 1972.

3 KOVADLOFF, Santiago. *O silêncio primordial*. Trad. de Eric Nepomuceno e Luís Carlos

o sempre incompreensível pode, pois, por um lado, incitar ao pronunciamento literário. Seu efeito, como se nota, é, neste caso, paradoxal. A partir do contato como o indizível, se desvia na direção da palavra que tenta refletir e preservar o efeito desse encontro. Poeta é aquele que sabe iluminar liricamente esse efeito em sua escrita. “A poesia” – recorda G. Macci – “não consiste em formular de maneira ornamentada o que seria possível dizer simplesmente, mas sim em outorgar a palavra ao que se subtrai dela”.

### 3 Tan arduamente el mar

*Tan arduamente el mar,  
tan arduamente,  
el lento mar inmenso,  
tan largamente en sí, cansadamente,  
el hondo mar eterno.  
Lento mar, hondo mar,  
profundo mar inmenso...*

*Tan lenta y honda y largamente y tanto  
insistente y cansado ser cayendo  
como un llanto, sin fin,  
pesadamente,  
tenazmente muriendo...*

*Va creciendo sereno desde el fondo,  
sabiamente creciendo,  
lentamente, hondamente, largamente,  
pausadamente,  
mar,  
arduo, cansado mar,  
Padre de mi silencio.*

Já faz parte da tradição o suicídio de mulheres, muitas vezes poetas, como Alfonsina Storni, cuja morte é descrita num poema que, por tão belo e enaltecido, mais se assemelha a um hino ao suicídio.

A descrição do mar é, como já foi dito anteriormente, antropomorfizada. Não apenas sugere que uma pessoa se adentra numa luta tenaz entre a vida e a morte, mar adentro, mas que os próprios amantes apenas pudessem se encontrar para uma relação e esta poderia estar descrita no poema junto a toda grandeza de suas vidas.

Começa com a descrição de algo difícil no início, a longa distância que cansa e tudo é grande demais para a consciência de seus próprios limites. A dimensão das coisas é determinada por uma paixão que toma proporções de profundidade, demora, insistência que ela suporta por pura compreensão humana. Aos poucos os amantes caem num jogo de amor o qual chega a um clímax, onde a figura da chuva é sem fim, e ao qual se segue, um ir-se morrendo, aos poucos. Como se tudo tivesse que retornar a um estado que remete não tanto à morte, como a concebemos normalmente, mas ao que seria antes da vida.

É quando, então, começa a crescer essa serenidade, desde o mais profundo. Essa pausa, esse estado sábio (pausadamente, sabiamente) é o momento em que se firma a consciência da relação e, ao mesmo tempo, a realização do desejo. Um desejo anterior também à realidade dos amantes, que remete à relação com o pai. Este que é origem, de fato, ressignifica o amor vivido como conflito, como luta. Assim aquele que gera o silêncio essencial está presente e entende-se que a relação atual pode se concluir como conclui o poema: abrindo o leitor para uma escuta vital.

Porém, como dito no início, podemos ler o poema apenas como descrição de uma pessoa que se dirige para o mar com a sua dor. É difícil avançar, pois ela sabe que, para toda a eternidade, ele, o mar, está aí com a sua profundidade. Este toma dimensões da sua própria dor e ela não pode resistir em se sentir atraída. De pronto cai como um ser em pranto e vai a sua água se fundindo com a do mar e também se afunda, mas não se pode saber, ainda, se completamente. Pois essa certeza da morte fica suspensa nos três pontos que se seguem à palavra *muriendo* e ao fato de que o gerúndio não significa uma ação acabada. Mas o mar vai crescendo e isto supõe que é a pessoa que vai se afundando.

A seguir, porém, fala-se do mar sereno, sábio, profundo. É como se, de pronto, tudo se revelasse amável; e a dor pudesse ser aceita ou já fosse superada. Pois, como quem está em um diálogo, mediado pelo silêncio, a pessoa assume, novamente, algo difícil ou improvável e o seu cansaço (*difícilmente/ cansado*). O mar é pai do silêncio desse ser que pode ser silenciado como quem morre por meio dessa imagem tão forte, arrasadora. Mas, pode, também, nos deixar silenciosos, à escuta da beleza desse mar infinito que é o próprio enunciado do poema. E ao qual só chegamos após uma espécie de derrota, de sucumbir à paixão que precisa ser ressignificada. É uma forma de assumir a ambiguidade da relação amor-ódio e da condição feminina, combustão das palavras, raiva e força irresistível para o amor até a anulação.

Esta capacidade de iluminação e estremecimento pode ser encontrada em algum tipo de bolero ou de tango. Por meio dos advérbios terminados em *mente*, marca-se um ritmo muito expressivo de uma necessidade de atenuar a força dos adjetivos para sincronizá-los com essa ação contínua dos verbos *cair*, *morrer*, *crescer*, no gerúndio. Este último verbo, *crescer*, no final do poema, sugere, graças à imensa força estética, a superação da dor destrutiva. E assim celebra a embriaguez e a desgraça que lhe sobrevêm, quando já não há nada mais. Apenas, o revelar-se do valor puro, elementar, da palavra, da poesia.

## Conclusão

Para concluir, direi que os poemas de Idea Vilariño adotam uma linguagem comum e são orientados pela simplicidade, embora possam suscitar complexas análises.

A seguir, aproprio-me de alguns dos aspectos trazidos à baila por Luis Gregorich, ou reescrevo-os em outros termos, na introdução do livro *Poesia completa*, de Idea Vilariño.

A tensão do ritmo preserva um impulso constante para a procura de diálogo entre o eu lírico, um *eu* doído (em primeira pessoa) e esse *você* apaixonadamente desejado, mas inatingível.

Ainda que no início deste trabalho eu tenha citado a fase neorromântica e/ou modernista de Idea, na verdade ela carrega uma tradição literária espanhola que a

aproxima tanto dos velhos místicos espanhóis quanto da poesia feminina e do drama da canção popular rio-platense.

Na poesia de Idea, as palavras valem por si mesmas, pelo que calam, pela saudade, pelos sonhos que são próprios dela e comuns à espécie. Ou seja, ela parece conhecer o segredo de como transmitir um profundo senso de humanismo.

### **Referências bibliográficas**

BUBER, Martin. *Eu e tu*. Trad. de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Ed. Unicamp, 1977.

GREGORICH, Luis. “Introducción”. In: VILARIÑO, Idea. *Poesía completa*. Montevideo: Ed. Cal y Canto S.R.L., 2009.

KOVADLOFF, Santiago. *O silêncio primordial*. Trad. de Eric Nepomuceno e Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

RAMA, Ángel. *La generación crítica: 1939-1969. I Panoramas*. Montevideo: Arca, 1972.

VILARIÑO, Idea. *Poesía completa*. Montevideo: Ed. Cal y Canto S.R.L., 2009.